

## Editorial

Bem-vindos à 17ª edição da Revista Transverso. Esta é mais uma edição com o foco na sustentabilidade, com a parceria do ENSUS, Encontro de Sustentabilidade em Projeto, agora na sua 13ª edição.

Há alguns meses um colega, a propósito de uma minha proposta de projeto, afirmou com bastante convicção: "Sustentabilidade já é tema batido, ultrapassado". Fiquei calada, um pouco pelo impacto do ponto de vista, e outro tanto para não criar atrito. Mas aquilo ficou entalado e me fez refletir e discutir com outros colegas sobre esse ponto de vista. Apresento a seguir o que consegui processar.

Gostaria muito que ele estivesse certo, pois isso significaria que buscar o equilíbrio econômico, social e ambiental para as nossas atividades já seria uma prática internalizada pela maioria de nós, tornando-se um valor inerente a todas as culturas, especialmente no Brasil. No entanto, não é isso que vivenciamos. São muitos os desequilíbrios que presenciamos e muitas as decisões que trazem como consequências conflitos, degradações, desigualdades e exclusões. Muitos são os embates e lutas em que os lados são inflexíveis e insistentes, o que leva, não só à não resolução do conflito, mas ao agravamento da situação.

Nossa sociedade tem que lidar com muitas decisões complexas que exigem a priorização de uma variável dentre outras igualmente importantes e conviver com realidades que não nos dão escolha. Um tema delicado que aparece com frequência, por exemplo, é a mineração. Recentemente, no contexto da Bienal de Gastronomia de Belo Horizonte em que participamos com um projeto que trata essencialmente de sustentabilidade envolvendo turismo e limpeza urbana, assistimos a uma mesa redonda. Nela, a prefeita de Canaã dos Carajás (município brasileiro do estado do Pará) apresentava suas iniciativas para o incentivo da agricultura e ações sociais. O município, que nasceu a partir de um assentamento agrícola, tem 31 anos de emancipação e sua economia é impulsionada pela mineração, que explora os recursos ambientais da região. Se pensarmos nas coisas que consideramos importantes para nossa prosperidade, veremos que muitas são produzidas com metais  como computadores, celulares, carros, equipamentos agrícolas  tornando esse recurso (e sua atividade de extração) praticamente imprescindível nos dias atuais. Além disso, a mineração gera trabalho, renda e recursos para o município investir em projetos sociais que melhoram a qualidade de vida da população.

Quando perguntamos à prefeita sobre o assunto ela respondeu, com muita serenidade, que o uso dos recursos ambientais permite a disponibilidade de recursos para a sustentabilidade econômica e social do município. Discutindo, mais uma vez com colegas sobre o tema, surgiu a questão: o que acontecerá com este território quando a atividade mineradora nesta localidade não for mais interessante para a empresa que a empreende e ela se deslocar para outros locais mais lucrativos? O que nos vem em mente é que algo precisa ser feito continuamente para que, quando isso acontecer,

a “casa esteja arrumada” e estruturada permitindo que as vidas humanas e não humanas que têm vínculo eterno com aquele território, continuem a existir com equilíbrio e prosperidade.

Outra questão que surge: assim como aconteceu com os combustíveis fósseis, para os quais hoje temos alternativas para produção de energia, teríamos outros materiais, existentes ou a serem inventados e desenvolvidos, mais sustentáveis do que alguns minerais?

Assim, temos muito trabalho a fazer. Há muito o que ser compartilhado, sentando à mesa para discutir com embasamento, fundamentação e qualificação, para que seja possível a construção das melhores soluções, que apresentem maior equilíbrio. É preciso ler muito para ampliarmos nosso conhecimento, o que permitirá o desenvolvimento de inovações que nos conduzirão a contextos com escolhas cada vez mais harmoniosas.

Vamos em frente, buscando sempre a sustentabilidade para que, de fato, um dia, não precisemos mais discutir sobre esse tema, pois ele já estará no nosso sangue, fazendo parte da nossa mentalidade.

Boa leitura, boas discussões e inspirações!

***Rosângela Míriam L.O. Mendonça***

Editora Chefe da Revista Transverso

## Editorial [cont.]

No ano da COP30 (Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas), tivemos um dos eventos ENSUS mais completos em termos de variedade de conteúdo, abordagens multidisciplinares e reunião de diferentes atores da nossa sociedade, tendo por balizador a questão da sustentabilidade em projeto.

Com participações importantes de pesquisadores estrangeiros, além, é claro, da sempre presença de pesquisadores nacionais das universidades de todas as regiões de nosso país, o ENSUS vem se consolidando como um importante ponto de discussão, sempre com foco na integração da teoria e prática sustentável.

Ainda vivendo sob o “fantasma” da pandemia, os eventos presenciais vêm aos poucos recuperando o público de outrora. A oferta de atividades remotas na área educacional, quer em eventos, quer em atividades de ensino proliferaram. São reconhecidas as vantagens desta modalidade: vamos a elas (as poucas desvantagens deixarei para falar depois).

As vantagens dos eventos remotos incluem por exemplo a redução de custos com passagens, hospedagem, etc. Também fica mais fácil a composição do quadro de palestrantes por exemplo, pois estes não precisarão viajar até o local do evento, nem deixar de lado suas atividades laborativas, já que poderão dedicar ao evento apenas algumas horas. Não há gastos com *coffee break*; não há gastos com decoração, com apresentações culturais, com jantares ou festas de confraternização. Não há gastos com crachás, ou *banners*, e nem é necessário credenciar alunos de graduação e pós-graduação para atuar como *staffs*, afastando-os de suas obrigações acadêmicas.

Tudo isso é muito bom, afinal o objetivo de um evento é científico, ou seja, serve para discutir “cientificamente” temas relevantes de nossa sociedade, de forma séria e objetiva; e atividades como as descritas acima, além de onerar o evento, desviam o foco do objetivo principal. O pragmatismo cerceado é visível. A objetividade substitui os devaneios que atrapalham a organização de um evento pelos atrasos que causam nas conversas de *coffee break*, intervalos ou mesmo nas sessões temáticas e palestras.

Impossível neste cenário não perceber o quanto antiquado são os eventos presenciais.

Mas então nos deparamos com um dado recente que diz: “O índice de afastamentos do trabalho por problemas de saúde mental no Brasil cresceu 134% entre 2022 e 2024, alcançando 472 mil licenças em 2024, o maior número da década”. Neste mesmo período, o trabalho remoto subiu em torno de 300%.

E então nos lembramos de que somos uma espécie sociável. O ser humano é um animal sociável, e viver desta forma foi o que promoveu todo o avanço que tivemos desde a época em que vivíamos em cavernas. E esta talvez seja, senão a única, pelo menos a mais relevante desvantagem de um evento remoto: a falta do contato humano. O debate olhando nos olhos; a voz por vezes embargada e trêmula daqueles que defendem suas crenças, seus saberes para um público ávido por conhecimento. O vínculo da amizade formada nos encontros entre mestres e pupilos que vai para além da admiração acadêmica.

Obrigado a todos e todas que vivenciam o ENSUS a cada ano, nos permitindo e se permitindo colocar um pouco de humanidade na frieza de nosso mundo moderno com suas telinhas e seus textos gerados por IA; do ato contemporâneo de buscar a todo custo o “ter”, deixando de o lado o “ser”.

*Paulo Cesar Ferrolí*

Editor convidado da 17<sup>a</sup> edição da Revista Transverso